

Villas-Bôas chora penúria das aldeias

ANTONIO XIMENES

—SÃO PAULO— “Todo dia é dia de índio. Eles são os donos da terra, nós, os invasores. Gostaria de que as terras, os rios, as matas e a cultura deles fossem mais respeitados, e que a Fu-

nai tivesse condições para atender a todas as tribos. Não dá para continuar assistindo a invasões, matanças e discriminação, muito menos agora, quando se comemoram os 500 anos de Brasil.” Com este desabafo, o sertanista Orlando Villas-Bôas, 85 anos, dos quais mais de 35 vividos entre os índios, apresenta seu ponto de vista sobre a situação crítica atual dos primeiros brasileiros.

De sua casa no Alto da Lapa, bairro paulista onde mora com os dois filhos e a mulher Marina, Orlando dis-para cartas, telefonemas, fax para to-

do o país, como um agitador. Lúcido e com memória privilegiada, o velho sertanista nem aparenta sofrer de gota, ou ter tido mais de 200 malárias. “O índio precisa ser mais respeitado, ou será dizimado. Quando os conquistadores chegaram, havia mais de cinco milhões de indígenas no litoral e no interior. Hoje, são cerca de 300 mil, a maioria em estado de penúria. Não é justo”, diz.

Orlando chama atenção para as tribos que ainda vivem nas proximidades das grandes cidades, como na Serra da Cantareira, região metropoli-

tana de São Paulo. “Da dó ver crianças e mulheres mendigando.”

Inquieto, o sertanista lembra que a política de demarcação de terras do governo é um bom sinal, mas ainda é pouco, porque as civilizações indígenas precisam de assistência médica, água limpa e matas seguras. “O homem branco levou suas doenças para a mata, e está cada vez mais difícil combatê-las com medicamentos naturais”, acusa. “Como se não bastasse, agrotóxicos e queimadas criminosas acabam com o ecossistema e o equilíbrio do hábitat das tribos.”

Fonte	UTB
Assinatura	
Class	R2R00282
Lata	2074/190
Class	R2R00282